

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

(Continuação)

No último número esboçámos um levantamento de acções culturais que se têm realizado ao longo dos tempos. Não mencionámos a «cantera» do dr. Alcêu por acharmos redundante, uma vez que a carta do Quim de Fão era por si mesma um documento bastante elucidativo.

Seja-nos permitido realçar ainda a acção da Casa da Cultura de Esposende. Partindo do princípio de que todas as manifestações culturais da Câmara levam o selo da sua iniciativa. Ao longo dos anos tem-se verificado exposições sobretudo de pintura, surgem de onde a onde concertos de música — um deles em Fão — mas, quanto a palestras, o dr. Neiva praticamente desistiu. Chegámos a assistir a algumas e numa delas, com temática de pre-história local, só estávamos 9 pessoas na sala com acompanhantes do orador e responsáveis incluídos. Assim, não. Mas será caso para desistir?

COMO VAMOS DE CULTURA?

No que concerne a Fão, o que fazer a favor de melhor cultura? Antes de mais impunha-se possuir uma casa apropriada. A tal casa dos Vila-cbãs parece-nos ser a meta apetida. Há ali demais. Salas para museu, convívio, exposições, recitais, palestras, tudo. Possui ainda traça, patine e brasão. Tal como se encontra, é de lamentar. Ninguém se admire se dentro em breve não surgir um desabamento do telhado. E será de admitir que a casa mais estilizada que existe em Fão esteja sujeita às inclemências do tempo e do abandono?

Quanto a nós lamentamos, tal como a nossa colaboradora Cecília Amorim, a saída dos Amigos daquela casa!... Culpa de quem?

Mas passemos adiante. Por que não se cria um rancho folclórico em Fão? O tema? Pensamos que as Peixeiras. Longe vão os tempos em que as nossas peixeiras corriam à desfilada pelas aldeias do concelho, passavam depois a Barcelos e até Braga a vender a «viva e vivinha!» Quanto heroísmo, quantas horas de alegria, tristeza e aventura não passaram aquelas mulheres!

Ou, se não, por que não optar pelas bordadeiras? Tivemos as melhores e quase únicas bordadeiras no concelho.

Ab! A tal escola de música já funciona? Já em tempos falámos e alvitramos que o Mário Belo, agora a usufruir as delícias da aposentação, fosse aproveitado para ministrar aulas de guitarra na terra. Ouvimos dizer que a Câmara ia facultar uma das salas Amorim de Campos bem como todo o apoio logístico. O resto seria por conta do professor e dos alunos. Estará Fão à altura de compreender e aceitar tal bônus?

A dr.ª Rosa Torres sonha também em proporcionar aos domingos uns passeios ciclonados, pelo meio de Fão, para que os fangueiros conheçam a sua terra, na certeza de que, melhor a conhecendo, mais a amarão. O guia dos passeios seria o dr. Penteadó Neiva, director da Biblioteca e do Boletim Cultural e que se tem debruçado com afinco sobre o passado do concelho. Não se poderia iniciar tais passeios com as crianças das escolas e já?

Enfim, falemos de palestras e de um grupo de teatro. A ambos se opõe um inimigo de respeito: a televisão. Até há pouco dispúnhamos de duas salas apropriadas. O Clube Fãozense e os Bombeiros. Com a adaptação da sala de baixo a café, o Clube Fãozense ficou mutilado no seu espaço polivalente. Resta-nos o salão nobre dos Bombeiros mas aqui

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DO MÊS

Por ARMANDO SARAIVA

BELMIRINHA CALAFATE

Vamos agora, meninas,
Levar esta lembrancinha
Por dever de gratidão
P'ros anos da Belmirinha
A professora amiguinha
Por quem temos afeição.

Estamos a recordar a Belmirinha, de seu nome completo, Belmira Martins Dias. Olhos muito vivos, rosto bondoso, mas com um ar de sobrançeria ou de superioridade. Talvez radicado no estatuto de ter sido, anos a fio, mestra das mestras das bordadeiras de Fão.



Belmira Martins Dias

Temos de voltar uns sessenta, setenta anos atrás. Ainda havia o estaleiro, o Fulão tinha os seus cavalos; a maior parte, quer dizer, grande parte dos homens estava no Brasil ou andava embarcado. Quem estudava? Fazia-se a terceira, a quarta classe, quando muito e só al-

MORREU HENRIQUE MEDINA

Em Goios, numa casa aprazível comprada em tempos por sua avó, faleceu com 87 anos, na tarde de 30 de Novembro, o pintor internacionalmente famoso Henrique Medina que desde há 14 anos a esta parte se acolhera definitivamente àquela aldeia nortenha.

No próximo número daremos notícia mais circunstanciada deste autêntico embaixador das artes.

guns ou algumas. Uma percentagem mínima de rapazes, maior que agora, é verdade, ia para o seminário e uma percentagem ainda mais reduzida entrava no curso secundário. A prová-lo está o número insignificante, praticamente nulo de licenciados dessa altura. Para falarmos verdade, dessa época, só nos lembra o dr. Alceu e o dr. Celestino Viana a frequentar um curso superior. Recordamos ainda o prof. Abel Vinhas, também o prof. Elias Cardoso e Zulmira Borda. Poderemos estar a omitir alguns nomes mas pensamos também que serão muito poucos.

Um modo de vida que as meninas «mais bem», isto é, oriundas de famílias mais ou menos remediadas de Fão seguia era a arte ou a técnica de bordar. A nossa terra era um canteiro de bordadeiras, isto pelos anos vinte, trinta, quarenta e quase cinquenta. Faziam-se aqui bordados lindíssimos que eram cobichados por muitas regiões do país. Atente-se a este propósito nuns versos que foram cantados numa das célebres «revistas» de Fão:

Por todo o nosso País
Como toda a gente diz
É para nós consolação:
Os mais bonitos bordados
Que aparecem nos mercados
São fabricados em Fão.

Não sabemos explicar por que é que a nossa terra se adiantou às demais freguesias na arte de bordar mas essa superioridade era um facto. As meninas de Fão, as tais meninas mais remediadas, em acabando a idade de estudar, seguiam a arte de fazer cordão. Insistimos na necessidade de as famílias serem obrigatoriamente possidentes, mas essa singularidade relevava da circunstância de a máquina

(Continua na pág. 2)

Saudação de «O Novo Fangueiro»

Ao nossos anunciantes, colaboradores e assinantes «O Novo Fangueiro» deseja um Bom Natal e Saúde para todo o novo Ano.

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

aparecem-nos as telenovelas a bloquear os ouvintes das palestras e os artistas para os ensaios de teatro. Será isto uma fatalidade intranponível? Não nos parece. Interessa é motivar as pessoas.

Já viram os «ferrinhos» do Club Fãozen-se? Ninguém os afasta. Ai de quem tal ousar?

Apareçam os entusiastas e alguma coisa há-de conseguir-se. Por falar em espaços havia a hipótese do salão. Mas os nossos autarcas são uns masoquistas. Vão arranjar um arquitecto para o mercado que demora anos para fazer o respectivo projecto. Não contentes com isso, vão contactar uma arquitecta para as obras do salão que é uma mentirosa e incompetente. Percam os 200 contos já adiantados e arranquem-lhe o projecto, ou a encomenda do projecto das mãos. Não é só a autarquia ou a comissão parquial que estão a ser ludibriados. É todo um povo que devia merecer maior respeito. E, claro, o Quím de Fão goza que se farta!...

O SABER

Sempre pensei mais saber...
Saber mais, não consegui;
Neste andar até morrer,
Pouco, ou nada, aprendi.

Muito mal anda quem pensa
Que tudo sabe na vida;
mais ela se torna densa,
Quanto mais nela metida.

O saber nunca se esgota
E nem ocupa lugar
Da ignorância não brota
Qualquer jeito de avançar.

O saber não tem limites
E nem ocupa lugar;
Na ignorância não fiques
Podendo mais avançar.

Mesmo que de velho morra,
Até lá, sempre a aprender;
A todo o momento jorra
Outra ciência e saber.

FLORINDA

BELMIRINHA CALAFATE

(Continuado da pág. 1)

de bordar ser um pouco cara para o tempo e apenas algumas famílias, as tais, se abalçavam à sua compra. Só quem tinha máquina é que podia aprender. Ora bem: deve ter sido essa possibilidade económica ou, se se achar melhor, essa preferência para se investir em máquinas que fez de Fão um alfobre de artistas.

Esse afluxo ou esse aparecimento de bordadeiras, em número socialmente destacável, ficou a dever-se em parte à Belmirinha Calafate, esposa do Zé Setenta. A sua casa, onde hoje mora o Flávio, chegou a ter 20 máquinas na sala de cima. A Belmirinha aprendeu com a D. Maria em Vila do Conde e depois frequentou um curso de Singer na cidade do Porto. A partir daí foi professora de quase todas as bordadeiras de Fão, no dizer de Amândio Caramalho. (Vide o último «O Novo Fangueiro»).

Paciente e eficaz como mestra, era exímia no bordado e provocou até uma viragem na metodologia empregada. O esquema do bordado processava-se assim: sobre um papel vegetal fazia-se o desenho ou através de um modelo já existente ou imaginado pela mestra. Depois estendia-se o pano, que podia ser de linho, sobre uma mesa; por cima dela era colocado um papel químico e sobre este estendia-se o papel vegetal com o desenho já feito. Com o auxílio de um lápis ou de um furador descalcava-se o desenho que, por acção do químico, ficava impresso no pano. Era o risco. Ora até à Belmirinha cortava-se primeiro o tecido pelos espaços em branco e só a seguir se bordava. Depois da Belmirinha e por sua iniciativa, bordava-se primeiro e só depois se cortava o pano junto ao cordão. Tornava-se mais fácil e ficava mais bonito. O corte era no entanto uma operação difícil que requeria destreza e jeito.

Para onde iam os bordados que se faziam em Fão? Corriam o país, «como toda a gente diz», mas de uma maneira geral era a Belmirinha que os recolhia e todas as semanas ia ao Porto para os vender em casas certas.

Várias gerações de raparigas frequentaram a sua casa. O seu magistério durou 5 décadas, praticamente de 1920 a 1960. Da primeira geração fizeram parte da sua escola a Toneca, Zairinha Borda (irmã do P.e Avelino), Laurentina Apolinária (irmã do P.e Carlos Lima), Maria Maçarica, Alice Vieira, Micas da Isolina, Micas do Manuel Pedro, Zulmira Carneiro, Micas Borda (irmã do P.e Borda), Rosa Consul, Rosalina Calafate,

Engrácia, Ana Patusca, Rosairinha Serguilha, Virgínia Anastásia (irmã do P.e Job) e ainda outras que é possível tenham ficado no esquecimento.

Quanto é que ganhava a Belmirinha na sua qualidade de mestra? Não recebia dinheiro. Apenas e como se pode ver nos versos com que iniciamos este perfil, quando a Belmirinha fazia anos ou quando «acabavam o curso» as alunas iam levar uma «lembrancinha» à Prof. Belmirinha por quem tinham afeição.

FÃO EM CONTRASTE

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

Para quem chega a Fão, vindo do Sul, a sua primeira impressão é a de ter chegado a uma terra maravilhosa, onde a beleza e a harmonia se encontram de mãos dadas.

À sua entrada encontra-se o mosteiro do Senhor Bom Jesus que parece ter sido ali posto para dar as boas vindas a quantos nos visitam. com seus jardins razoavelmente tratados. Fão justifica bem o seu estatuto de Vila. A entrada principal que dá acesso ao centro da Vila encontra-se num plano superior em relação aos jardins, o que lhe dá uma perspectiva de rara beleza, mau grado o estado do pavimento com parte da calçada num estado deplorável.

A autarquia, por diversas vezes, tem mandado reparar a calçada, mas passado pouco tempo tudo volta ao mesmo, porque a verdadeira causa não é eliminada. Como a entrada se encontra num plano superior, existe um muro de suporte, construído há cerca de cem anos. A sua construção feita com pedra de xisto assenta em barro, apenas com um capeado em granito. Satisfazia as necessidades daquele tempo, mas hoje jamais pode suportar o tráfego automóvel que ali existe. Como consequência, o muro vai cedendo, ao mesmo tempo que a calçada se afunda. Hoje o muro de suporte encontra-se com uma inclinação muito acentuada, o que deixa prever que ele irá ruir, não levará muito tempo.

Urge pois construir um novo muro de suporte feito talvez ao lado do que já existe para evitar o desmoronamento deste, levando consigo o pavimento, o que obrigaria a custos muito mais elevados.

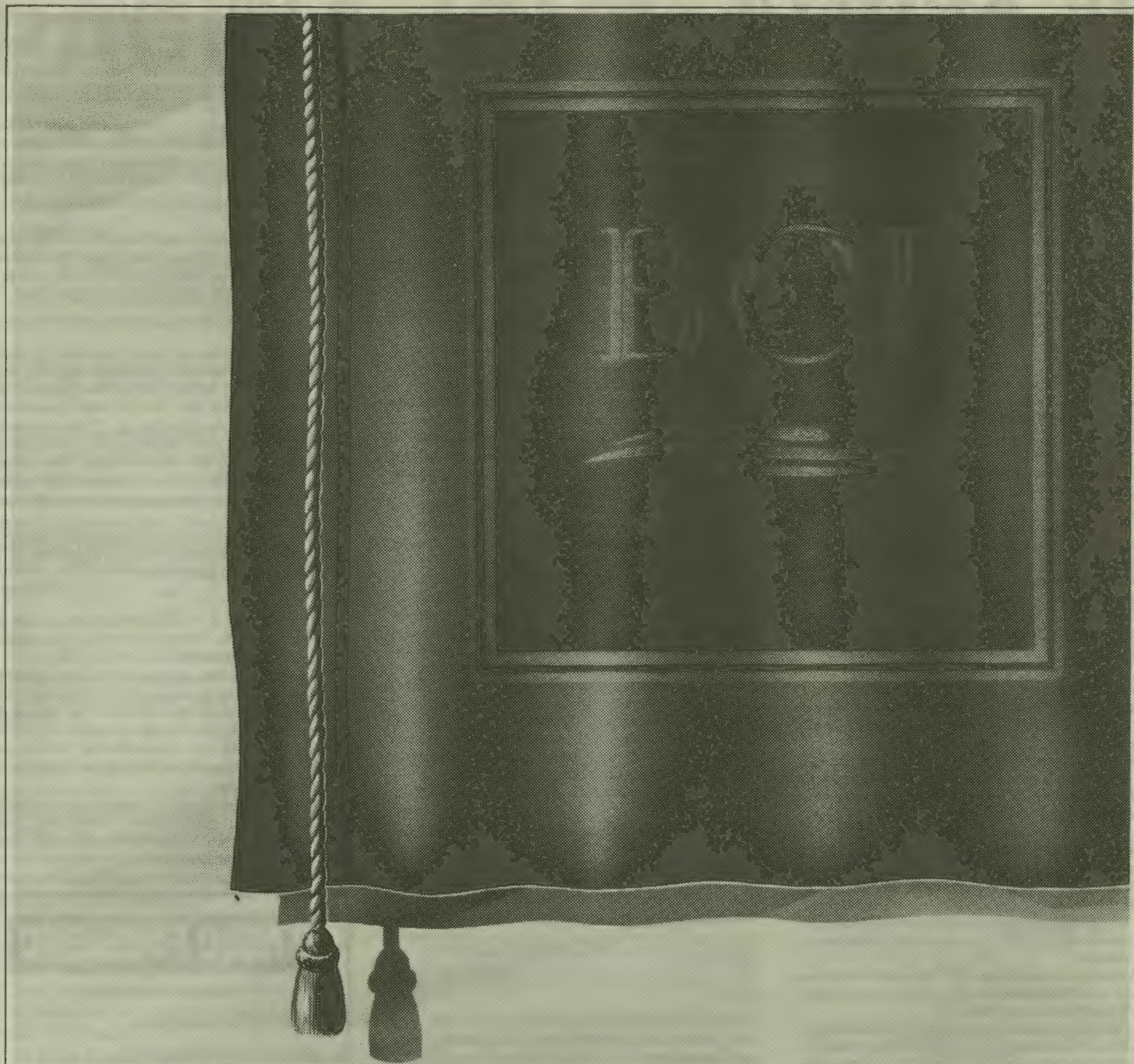
Também queria chamar aqui a atenção para o fontenário ali existente, pois ele é de uma construção que se enquadra no meio em que se insere. Há cerca de dois anos a pedra cimeira que ultima aquela construção foi derrubada e até hoje nada se fez para repôr a pedra no seu respectivo lugar.

Fão exige de todos nós um pouco mais de atenção para os seus problemas, para que todos nos possamos orgulhar da terra que temos.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- ÓCULOS DE SOL
- APARELHOS DE PRECISÃO



Muito em breve também a PÓVOA DE VARZIM vai ter soluções para os seus negócios.

Cidade que soube desenvolver a sua economia sem perder a sua característica de tradições centenárias, a Póvoa de Varzim, voltada ao futuro, afirma-se como centro urbano, industrial e turístico de grandes potencialidades. Conservando do passado o testemunho de gerações empenhadas em construir, o seu dinamismo económico enquadra-se no espírito dum Banco privado

sólido e inovador como o BCI. Muito em breve os seus negócios na Póvoa de Varzim terão a apoiá-los a qualidade de atendimento, a tecnologia bancária e o amplo conjunto de serviços do BCI. Vantagens adicionais de um Banco seguro e moderno, que se diferencia pelas elevadas remunerações de depósitos e pela flexibilidade e rapidez na tomada de decisões.



Banco de Comércio e Indústria, S.A.
um Banco de soluções

DE APÚLIA

BOAS NOTÍCIAS — Parece, ao que se diz por aí, que está para breve o anúncio público de boas notícias para a população de Apúlia.

Fala-se, concretamente, do início, ainda durante o próximo ano, da construção da Escola C+S de Apúlia, e do seu funcionamento provável no início do ano escolar de 1990.

A ser verdade, e tudo aponta nesse sentido, é uma boa prenda para a população de Apúlia, tão carecida, e ultimamente tão esquecida dos poderes públicos.

Também se fala que estará para breve o início da obra do Gimnadesportivo e do edifício para o Posto Médico. E, como não há duas sem três, diz-se também que vai arrancar em 1989 a construção do Bairro Social.

Não se fala, e é pena, na construção do infantiário, que vem a ser prometido (em períodos eleitorais) há alguns anos.

De qualquer forma são boas notícias que todos os apulenses esperam ver concretizadas.

SEDE DA JUNTA — Pensava-se que o terreno para a sede da Junta de Freguesia, que até estava bem localizado, não chegava nem para as «costuras», tal era a sua dimensão.

Afinal, a obra, já em construção adiantada, pode considerar-se grandiosa, o que prova que temos bons engenheiros e que o terreno afinal tinha «pano para mangas». E ainda bem. Vamos ver se a Junta de Freguesia consegue fôlego para a levar até ao fim, dado o seu custo.

NOVA ESTARADA — Está praticamente concluída a pavimentação da estrada que liga a Rua do Açude com o Campo de Futebol, pela zona da Fonte.

É um bom melhoramento que vem beneficiar toda uma população, e não só dois ou três confrontantes com interesses no local, como malevolamente se insinua.

NA MORTE DE UM AMIGO — A notícia não é nova, pois a morte do amigo Manuel Hipólito de Miranda, que foi residente no lugar da Areia, já ocorreu em fins de Setembro último. Mas só agora nos podemos referir a este triste desenlace, de um homem bom, honesto, e respeitado.

A morte dos amigos, dos companheiros da escola e do folgado da mocidade, vai encurtando também a nossa vida.

O grande drama é que todos pensamos que «aquilo» só acontece aos outros. Mas um dia, repentinamente, como aconteceu a este amigo, ela também virá para nós, indefesos e quase sempre desprevenidos.

E ela é implacável. Não atende súplicas, não olha a influência, nem a grandezas, nem

a riquezas, porque é cega, é surda e é muda.

Que aquele amigo, a quem «calhou» partir primeiro, descanse em paz e que a terra lhe seja leve.

DESPORTO — A nossa equipa de futebol não obstante tem sido feita «tarde e a más horas» lá vai levando a «carta a garcia», que é como quem diz, lá vai dando conta do recado.

Depois dos primeiros desafios em que as derrotas surgiram como consequência lógica, já leva quatro jogos seguidos sem perder e soma sete pontos, o que não sendo óptimo, acaba por ser bom, se tivermos em atenção que quando foi formada já a maioria das equipas adversárias disputava jogos oficiais.

Depois, em relação à época passada, que não foi brilhante, sofreu baixas de vulto. Casos do «Pinho», Eduardo, Armindo, Isidro, e Jaime, entre outros. Foi necessário começar tudo do ponto zero e tardiamente. E sabe-se como estas coisas contam negativamente.

Já que estamos com o assunto em mãos, refira-se o caso dos dois últimos atletas apontados, como exemplo e reflexão. Ambos saíram com o consentimento da Direcção do Apúlia, para o Marinhas e Necessidades. No caso do Isidro, o atleta e o Marinhas, foram exemplares de correcção. Como exemplar foi o Jaime, que esperou em vão que o Apúlia se inscrevesse atempadamente, o que só aconteceu quando as outras equipas já estavam formadas.

O caso do Eduardo, do Armindo, e do Gandra, clube que os contratou, é precisamente o inverso. Por «dez reis de mel cuado», atletas que se fizeram no Apúlia e onde sempre foram acarinhados e queridos, e que até não são nenhuns «coitadinhos», foram levados sem uma palavra de explicação para o clube, que até estava ali a sair da porta.

Parabéns ao Marinhas. E que todos sejam felizes. — C.

DR. DIALINO ESTEVES

O Delegado no Porto da Comunicação Social esteve em Fão para uma visita a «O Novo Fangeiro».

O Director deste jornal não estava presente devido aos seus afazeres profissionais. O dr. Dialino Esteves teve a amabilidade de enviar a este jornal o livro de Silva Araújo Vamos falar de Jornalismo.

Gratos pela deferência.

RETALHOS DE POESIA...

*Tudo e todos me passam ao lado
E eu sem nada poder agarrar...
Como se tudo fosse emprestado,
E eu nada pudesse guardar!...*

*Nem rios, sentimentos, e flores
Podemos fechar na nossa mão.
Bem nossa é a certeza da presença
Da triste e amarga solidão!...*

*Junto a nós só subsistem os fantasmas
Do que foi a nossa vida, no passado.
Só eles persistem em ficar
P'ra sempre, teimosamente, ao nosso lado.*

*E o pensamento envolve-se com eles
Numa ansiosa fome de sentir,
Que algo já foi nosso, e que entre as mãos,
Só a saudade continua a existir.*

CECÍLIA R. PAIXÃO DE AMORIM

FALECIMENTOS

Em 23 de Novembro faleceu em S. Bartolomeu do Mar, ao fim de prolongado sofrimento a nossa conterrânea Irene Cubelo Faria Torres.

Sempre muito preocupada com o seu próximo, aceitou a doença com muita resignação. Foi sepultada em Fão com um invulgar acompanhamento de pessoas.

★

Ainda no mês de Novembro faleceu na Rua Serpa Pinto Américo Gonçalves Carvalho, após uma queda dada em sua casa.

★

No dia 3 deste mês faleceu no Hospital de S. João Almerinda Pereira Campos. Também uma queda lhe ocasionou a morte. Foi no dia 24 do mês passado. Por qualquer motivo a Sr.ª Almerinda, que se movia em casa numa cadeira de rodas, abeirou-se demasiado das escadas, a uma das rodas «faltou-lhe o pé», e a cadeira e a doente rolaram pelas escadas abaixo.

Em estado de coma deu entrada no Hospital de S. João, não chegando a recuperar a consciência.

★

No Lar da 3.ª Idade faleceu José de Sousa Ribeiro, com 79 anos de idade, natural de Perelhal.

Era sobrinho do grande benemérito esposense que em 1913 assumiu a responsabilidade de concluir as obras do Hospital de Esposende quando este estabelecimento de assistência, ainda por acabar, foi adquirido pela Misericórdia local, ao Estado.

Pessoa de trato finíssimo, aliciente conversador, deixa nos médicos, pessoal enfermeiro e utentes daquela Casa as maiores saudades.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE NÚMERO

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Florinda
Cecília de Amorim
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Júlio Oliveira
Jorge Santos
Barros Peixoto
Paulo Serafim
Susana Cristina

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

Longa Vida



o que é bom da natureza

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Como vêem, o número de colaboradores está a aumentar, e é bom que isso aconteça, principalmente agora, quando esta vossa página está a completar o seu 1.º aniversário.

E, neste mês de Natal e rabanadas, para todos vós os melhores votos de BOAS FESTAS!

ENTREVISTA

Dado o interesse que o assunto reveste, vai ser publicada nesta Página um entrevista concedida pelo Sr. Dr. Manuel Barros, Delegado da F.A.O.J. em Braga, à jovem Iva Sónia Pimentel. A começar, publicam-se hoje as considerações introdutórias à referida entrevista.

★

— O doutor Manuel Barros acredita na juventude como investimento do futuro.

— F.A.O.J. — uma UTOPIA ou uma REALIDADE?

— Hoje, mais do que nunca, é de relevar o papel decisivo e incontestável dos movimentos associativos estudantis, funcionando como um palco privilegiado para os jovens darem os primeiros passos na aprendizagem das regras democráticas e sua integração na sociedade.

Assim, o papel do F.A.O.J., com o apóio inevitável do Estado, é precisamente proporcionar aos jovens as respostas adequadas aos seus anseios e aspirações, ajudando-os, dessa maneira, a construir o seu presente e aposta no futuro.

— Tudo o que se tem feito em prol da juventude é de louvar e, felizmente, desde o 25 de Abril para cá se têm criado novas estruturas e oportunidades para os nossos jovens, nomeadamente na ocupação dos seus tempos livres.

Vivemos neste momento aquilo a que se convencionou chamar Sociedade da Informação.

Na transição para a vida activa, os jovens precisam de ter acesso ao maior lote possível de informação. E aqui cabe a responsabilidade do Governo e associações em fornecê-la, para assim os jovens terem uma oportunidade de optar, com verdadeiro conhecimento de causa, da informação obtida, criando desta forma igualdade de oportunidades entre os jovens.

1992 vai constituir um grande desafio para os nossos jovens com a criação do Mercado Único Europeu, o que vai exigir um esforço suplementar de integração.

Assim a «nova» Sociedade mais participada e mais justa que queremos construir, terá de assentar no conhecimento das premissas em jogo.

É necessário facultar aos jovens a Infor-

mação que se apresenta hoje como uma das vertentes mais importantes das novas formas de exercício de DEMOCRACIA e de uma consciente participação democrática.

Não deixemos que a nossa juventude se torne um «bode expiatório» dos erros cometidos e que fique numa atitude passiva em relação ao mundo, mas que tenha uma participação activa no desenvolvimento e na construção de um mundo melhor.

(Continua)

PAUSA PARA SORRIR

Um mendigo queixa-se a outro:

— «Imagina a minha pouca sorte! Aquele senhor que vai lá adiante, meteu a mão ao bolso e disse-me: — «Tome, para tomar um café.»

— «E achas isso pouca sorte? quanto te deu?»

— «Deu-me um saquinho de açúcar!»

★

Junto das Cataratas do Nicarágua estão: um português, um francês, um inglês e um norte-americano.

Um indivíduo maldoso que por ali também andava, aproxima-se do inglês e diz-lhe para se atirar à água, porque é tradição. O inglês atira-se. A seguir repete a conversa com o francês, mas dizendo-lhe que deve atirar-se porque é moda. O francês atira-se. Seguidamente, com o norte-americano, dizendo-lhe que é desportivo atirar-se à água. O norte-americano atira-se. Por fim, tenta convencer o português, mas todos os argumentos são vãos, ele não quer atirar-se. Então o homem tem uma ideia. Segreda-lhe ao ouvido: — «Atira-te, porque é proibido!». O português atirou-se...

★

Um mendigo implora: — «Dêem esmolinha a este cego, que tem tanta familiar!»

Uma senhora, condoída, pergunta: — «Coitado! Quantos filhos tem?»

Resposta: — «Não sei, minha benfeitora, não os posso contar porque não vejo».

★

Um marido está cansado de aturar o constante mau génio da mulher, que faz uma cena por tudo e por nada e passa a vida a contrariá-lo. Ele lembra-lhe:

— «Ó mulher, já te esqueceste que quando casamos prometeste obedecer-me?»

Responde ela, muito pronta: — «E então? Querias que fizesse logo ali uma zaragata, à frente do padre...»

JOVEM

Jovem, se és influenciável
Não te deixes levar pela má influência
Se tens o ânimo impulsional
Luta pela tua independência.
Transforma as más companhias
Em verdadeiros amigos.
E, se o não consegues,
Atende aos mais queridos.
Se for difícil,
Não os renegues.
Com um pouco de jeitinho
consequirás o seu carinho.
É assim o jovem do futuro.
E se queres ser alguém amanhã,
E que a tua esperança não seja vã,
Luta para alcançar a felicidade
Diz **não** ao triste pensamento escuro!...

SUSANA CRISTINA ALMEIDA



Desenho de Tiago Jorge Oliveira

REVOLUÇÃO

*As armas nas mãos, punhos no ar,
Palavras agitadas que se escapam
Por entre lábios amedrontados.
Gritos de esperança ou de dor
que se esfumam ao tocar o céu.
Mortos o país, os filhos por criar,
Um líquido ratívoso que escorre
Dentre os dentes cerrados.
Dos mortos só resta o seu odor
E as viúvas choram detrás do negro véu.
Assim se faz a revolução,
Assim se faz a chactna
E se constrói a ilusão.
Porque a ambição não e mata
E o ódio não se destrói
Porque tudo é um sonbo que se perde
Nessa ilusão que se constrói.
Nada muda...*

PAULO SERAFIM

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

Impetus

O CASO DO PARQUE AUTOMÓVEL DO HOTEL DO PINHAL

Ao
JORNAL O NOVO FANGUEIRO
Exmo. sr. Director
Dr. Armando Saraiva

No último número do VI Jornal de 10/11/88, vem publicado um artigo «sobre o Caso do parque Automóvel do Hotel do Pinhal», em que o autor, Senhor Aníbal Soares, proprietário do referido Hotel se permite denominar-me em termos acintosamente depreciativos, como *proprietário, construtor, hoteleiro e até arquitecto da Estalagem do Rio*, parte de um Complexo Hoteleiro considerado em devido tempo, pela Direcção Geral de Turismo, de Utilidade Turística, e julgado sempre por todos como peça de validade no contexto Turístico da Zona e da sua consequente oficialização como Zona de Turismo.

Senhor Aníbal Soares, está a faltar à verdade, o que é Grave. NÃO SÃO OS ESGOTOS da Estalagem que estão a POLUIR O RIO, a consequente causa do «MAU CHEIRO que o vento norte» leva até ao seu hotel... O processo do saneamento desta Unidade Hoteleira, na parte que se refere a esgoto do saneamento propriamente dito da Estalagem, está canalizado para uma rede de FOSSAS SÉPTICAS devidamente dimensionadas para o efeito, implantadas a MAIS DE CINQUENTA METROS da margem do rio. Está canalizado para o rio, sim, o esgoto das PISCINAS e das Águas Pluviais, o que não tem qualquer acção poluente, antes pelo contrário, pois a água que as alimenta, captada em poço próprio, é tratada por uma Estação de Cloro Líquido, e não por detergentes, com ALVARÁ (em tempo) da Junta Sanitária de Águas. Ainda hoje, apesar dos trinta anos que passaram, são consideradas das melhores do País.

Senhor Aníbal Soares, o que está a POLUIR O RIO é o esgoto dos Saneamentos dos imóveis de Propriedade Horizontal, denominadas por Torres, a que foi ligado o esgoto do saneamento do Hotel Ofir, da sua Piscina e também o imóvel de Propriedade Horizontal, construído no gaveto da Avenida António Veiga com a Estrada da Bonança.

Senhor Aníbal Soares, finalmente o esgoto do seu próprio Hotel... como está resolvido?

Aqui cabe a resposta ao ponto (2): é ao Senhor Aníbal Soares que serve a careta... QUEM TEM TELHAS DE VIDRO NÃO DEVE ATIRAR PEDRADA.

★

Permita-me agora o Director do Jornal que faça uma viragem e enfoque a minha atenção sobre umas perguntas que faz no penúltimo número de «O Novo Fangeiro».

Limites a norte do Hotel

Em tempos Cupertino de Miranda adquiriu na margem esquerda do Cávado e a confrontar com a avenida António Veiga um lote de terreno onde construiu uma casa que serviria de base ao Hotel do Pinhal. Na planta deste lote está perfeitamente definida a confrontação com o rio cuja demarcação contempla a linha máxima da praia-mar de águas vivas e o plano hídrico da bacia hidrográfica. Essa linha de demarcação, estabelecida pelos Serviços Hidráulicos, está corporizada num murete e outras formas de vedação

cujo fim é exactamente demarcar e não segurar as areias. Foi uma iniciativa ordenada pelos Serviços Hidráulicos aos proprietários dos terrenos que vão do Clube de Pesca ao Hotel do Pinhal depois de uma tentativa de cercadura e de prolongamento de terreno, da parte de Cupertino de Miranda, até ao rio, com maré baixa.

A esta delimitação foi dada credibilidade e é de reparar que todos os proprietários a aceitaram, construindo o respectivo muro, inclusive o proprietário dos terrenos onde mais tarde surgiu o Hotel do Pinhal.

É pois de considerar ilegítima e incorrecta a demarcação posteriormente aparecida no Diário do Governo, pois constitui sem qualquer dúvida uma alteração ao normal ordenamento da margem com flagrante ocupação do plano hídrico.

Rampa da parte nascente

Só posteriormente à construção do Hotel do Pinhal, e a título precário, foi permitida aquela rampa para acesso ao depósito de gás, implantada na margem do rio e dentro dos limites estabelecidos anteriormente pelos Serviços Hidráulicos.

Não é de considerar que este caminho faça parte do imóvel porque foi construído paralelo à vedação do muro que limita a propriedade. De resto foi sempre um caminho público há mais de 20 anos e, portanto, contemplado, inofismavelmente pelo tal usucapião.

De resto, e por se falar no usucapião, a Junta ou a Câmara deveriam perguntar a quem de direito se esta designação jurídica também se aplica aos terrenos mencionados na planta que o Diário do Governo de 57 reproduz. É que depois de serem estabelecidos os tais limites, quanto a mim indevidos, o público continuou a usufruir esses terrenos exactamente como o fazia até então: jogava-se a bola, o golf, passeava-se, namorava-se, tendo por fundo bucólico os mugidos das vacuinhas que por ali, naquela paisagem lindíssima, costumavam e costumam pastar.

Júlio de Oliveira

★

Cópia de uma carta enviada ao
Director Geral de Portos

Exmo. Senhor
Director Geral de Portos

Têm os signatários, todos proprietários confinantes com o Rio Cávado em Ofir, conhecimento que a sociedade MITUR, actualmente representada pelo sr. Aníbal Soares, procedeu a obras de vedação e terrapleno do terreno indicada na plantas anexa, mediante a implantação de muros de betão sobre os quais assentam estacas do mesmo material com cerca de dois metros de altura, unidos por rede metálica.

A zona delimitada é amiúde e frequentemente inundada durante todo o ano pelas águas do rio Cávado, facto que aliás, é sobejamente consabido pelas entidades marítimas e portuárias que detêm jurisdição sobre o local, entando, por consequência, situada em zona considerada do Domínio Público Hídrico.

Para além do mais, essas obras vedaram o acesso àquele rio por parte de todos aqueles que eventualmente o queiram utilizar, o que manifestamente parece contrariar o regime legal sobre limitação de margens que expressamente está consignado no dec. Lei n.º 468/71.

Nesta conformidade, vem os signatários requerer perante V. Ex.ª, face ao que se crê constituir uma flagrante violação dos terrenos do Domínio Público Hídrico por parte de um particular, que ao que se crê não detem as licenças necessárias e pertinentes para a execução da obra em curso, e ao consequente prejuízo que essa violação acarreta para, não só os interesses do Estado mas também para os dois particulares, que por essa forma viram postos em causa os seus legítimos interesses como proprietários dos terrenos fronteiriços — como aliás aconteceu em relação a um dos signatários, por via da obra implantada, que nem sequer cumpre o alinhamento inicialmente previsto —, se digne mandar proceder a urgente vistoria dos terrenos por forma a se aquilatar da sua eventual conformidade com as eventuais licenças pertinentemente concedidas para o efeito, assim como a sua adequação para com os preceitos legais que expressamente a Lei contempla sobre essa matéria.

Ofir, 21 de Setembro de 1988

Com os melhores cumprimentos,
subscrevemo-nos,

De V. Ex.ª,
muito atentiosamente,
Assinaturas ilegíveis

NOVA GERÊNCIA



Calatrava

albergaria ★★★★★ R

Gasthaus ★★★★★

Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Flóza Júnior, 157 - Telef. 22011-27434 - Telex 33331 Latrav - 4900 VIANA DO CASTELO

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

UMA TRICANA CHAMADA MARIA

Sempre a conbeci em nossa casa. Era uma tricana de Coimbra que foi para lá servir no tempo de meus avós. Foi e ficou. Adoptou como sua a nossa família, e nela conbecceu, amou e serviu quatro gerações.

A recordação mais recuada no tempo que dela tenbo, remonta aos longes da minha infância e está ligada ao natal. Mais precisamente, aos preparativos culinários, a todos os acepipes tradicionais e deliciosos que iam enchendo travessas, pratos e outros recipientes, que se colocavam nas prateleiras do grande aparador.

Enquanto que na sala se alindava com bolas coloridas e brilhantes o pinheiro muito verde, ainda a cbeirar a pinbeiral, e se armava o Presépio, onde o Menino Jesus sorria, gordinho e rosado, na cozinha, por entre uma alegre confusão de tachos, panelas, cartuchos, e tantas coisas mais, a Maria girava, num autêntico corropio, entre o fogão de lenha e a mesa da cozinha, o largo avental a esvoaçar, os olhos brilhantes, as faces vermelhas do calor do lume e da excitação. Ora mexia complicadas misturas, ora batia claras em castelo, ora virava delicadamente os fritos na sertã, com todo aquele ritual mágico de grandes gestos, próprio dos sacerdotes de religiões antigas.

Um pouco mais tarde, recordo-a ligada ao grande «pecado» da minha meninice; as incursões ao açucareiro que estava no armário da cozinha. Era um açucareiro bojudão, imponente, de louça branca, com asas em verde escuro; da mesma cor era a tampa, que tinha uma ranhura por onde espreitava, convidativo, o cabo de uma colher. Sempre que podia, eu esgueirava-me para lá, com um prato da louça das bonecas, que enchia de açúcar e que, sentada no chão, lambia, deliciada. A Maria fazia vista grossa, chegando por vezes a uma certa complicitade: — «Cuidado, menina, que vem aí gente!» Eu disfarçava rapidamente e tudo se compunha. Até que um dia aconteceu. Minha tia, com sapatos que não faziam ruído, entrou de súbito na cozinha e apanhou-me em flagrante. Indignada com aquela «porcaria, imprópria de uma menina educada», ia dar-me uma sapatada, à qual eu, pouco habituada a castigos, nem tentei furtar-me. Mas a Maria, veloz como um raio, interpôs-se e apanhou no braço o tabefe que me era dirigido. Minha tia, desconcertada com o inesperado desfecho, retirou-se em silêncio, enquanto eu chorava desconsoladamente ao ver a marca vermelha que alastrava um pouco acima do pulso da minha grande amiga. Esta, então, sentou-se num banco da cozinha, pegou-me ao colo, aninhando-me entre as pregas do farto avental, enquanto murmurava com infinita ternura: — «Então, minha menina, não chore! Não foi nada! Não doeu nada! Olhe, a Maria vai cantar-lhe uma canção muito linda, quer?» E numa voz clara, bem timbrada, entoou:

«Passarinhos, meus amigos,
Também sou vosso irmão
Vós tendes penas nas asas
E eu tenho-as no coração.»

O tempo foi passando. As rugas foram sulcando o seu rosto moreno; o corpo foi en-

curvando. Só os olhos não perdiam o brilho de ternura com que sempre me fitava; que o seu coração fiel, esse, não envelhecia. Os meus êxitos escolares enchiam-na de orgulho e, depois de um exame bem sucedido, era certo ter à minha espera uma guloseima especial feita pelas suas mãos amigas.

A vida continuou e aproximava-se a data do meu casamento. Delicadamente, meus pais sugeriram-lhe a oferta de um vestido para a cerimónia. Quase se zangou. Que não, muito obrigada. Que não lbes desse cuidado que ela saberia apresentar-se condignamente. E assim foi. Entrou na sala de cabeça erguida, estatura aprumada (a silhueta curva tinha-se endireitado por um milagre de vontade) e ali estava ela, impecável no seu traje de tricana de Coimbra, que há tantos anos dormia no fundo da arca. O xaille negro, traçado por cima de um dos ombros e por baixo do outro, tal com a capa dos estudantes da sua terra, conferira-lhe uma estranha dignidade.

Passando algum tempo, resolvemos admitir outra criada, deixando para a Maria só os serviços leves. E quando nasceu o meu filho, ela, por direito próprio, sem pedir autorização a ninguém, levou a sua cadeira e instalou-se ao lado do berço. O amor que dera às três gerações anteriores, continuava e projectava-se sobre o berço pequentino.

Passaram-se dois anos. Um dia, manifestou o desejo de ir à sua terra, assistir às festas da Rainha santa. avisou-se a sobrinha para que a recebesse durante esses dias, e ela foi. Foi e não voltou. Assistiu às festas e, na manhã seguinte, quando a sobrinha foi acordá-la, dormia o último sono, aquele que jamais despertaria. Ela, que toda a vida tinha trabalhado para os outros, nunca quis dar trabalho a ninguém. Nem na morte.

A última recordação que tenho dela — e é assim que gosto de a evocar — reporta-se à véspera da sua partida para Coimbra. Sentada na cadeira habitual, olhava, atenta e vigilante, o meu filho que, na carpete, brincava com carrinhos. Eu, da porta, observava, em silêncio. A dada altura, o miúdo levantou-se e, tropeçando num carrito, caiu; não se magoou, mas, a fazer beicinho, correu para ela. Então, a Maria ergueu-o a custo até ao seu regaço, aconchegou-o nas pregas fartas do avental, e disse com infinita ternura: — «Então, meu menino! Não chore! Não foi nada, ninguém viu! Olhe, a Maria vai cantar-lhe uma canção muito linda, quer?» E numa voz já trémula mas ainda bem timbrada, entoou:

«Passarinhos, meus amigos,
Também sou vosso irmão
Vós tendes penas nas asas
E eu tenho-as no coração.»

CONVIDAM-SE

Todos quantos aceitaram assinar a relação de inscrições para formar uma Cooperativa de Empreendimentos Turísticos, Culturais e de Utilidade Pública Pró-Fão, a comparecer à primeira reunião que se efectua no 2.º sábado de Janeiro de 1989, pelas 15 horas, num salão cedido para o efeito pela Direcção dos Bombeiros de Fão.

Agradece
UM CAROLA

ESCOLA SECUNDÁRIA EM APÚLIA

O Executivo Municipal de Esposende, em reunião de 2 de Dezembro, convocada expressamente para o efeito, deliberou aprovar por unanimidade, mediante proposta da senhora Presidente da Câmara, Professora Laurentina Torres Losa de Faria, um acordo de colaboração com a Direcção Regional de Educação do Norte para a construção imediata da Escola Preparatória e Secundária de Apúlia (C+S).

A Direcção Regional de Educação já aprovou a localização da Escola que ficará situada no centro da freguesia, próximo do Cemitério, em terrenos que confrontam com a estrada municipal que liga a EN 13 a Apúlia-Praia.

A Câmara financiará a obra em 20% do seu custo total e executará a suas expensas os acessos e infraestruturas exteriores.

A Escola ficará concluída até Agosto de 1990 para entrar em funcionamento no ano escolar de 1990/1991.

Esta Escola servirá, em princípio, as freguesias de Apúlia, Fonteboa, Rio Tinto, Barqueiros e a norte de Estela com uma população escolar de cerca de 2000 alunos no ensino básico, o que leva a supor uma frequência no 5.º ano de escolaridade de 300 alunos no primeiro ano de funcionamento.

Este empreendimento vem facilitar o cumprimento da escolaridade obrigatória já que as escolas Preparatórias e Secundárias mais próximas, ficavam a cerca de 10 quilómetros de distância, embora presentemente as freguesias contempladas estivessem servidas pela Telescola.

Ainda há quem diga que os Santos da Casa não fazem milagres?

BARROS PEIXOTO

P'RA COMEÇAR

O «Fangueiro» é um jornal
Todo catita e ousado!
Não há, não há outro igual,
Pois ele foi bem pensado!

Quando me veio à mão
Li, reli-o sem parar!
Ele disse-me: assim não...
Ora volta a começarl

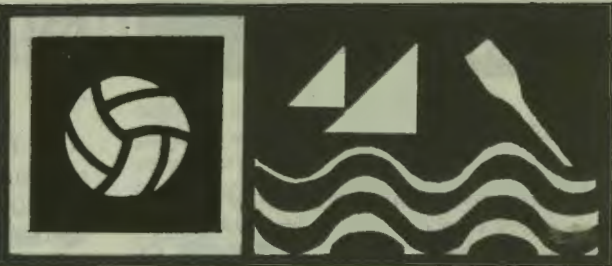
E eu lá recomecei
pois ele tinha razão!
Pensei e não me enganei
Que ele era um sabichão!

Ensina e muito bem
A todos os que quiserem!
E a todos diz também
As coisas que convierem!

À Direcção incansável,
Prometo continuar!
Com afinco imparável,
P'ra ninguém descontrolarl

OLIVEIRA

DESPORTO



FUTEBOL

SEQUEIRENSE, 2 — FÃO, 0

Continua modesta a nossa participação sénior no Campeonato Distrital de Braga, sem contar com algum dos seus melhores jogadores por lesão e castigo associativo, perdemos ingloriamente o jogo no campo da Granja, contra um adversário que mostrou estar ao nosso alcance.

AVELEDA, 1 — FÃO, 1

O empate fora é sempre moralizador. Aguardamos o próximo jogo, contra o guia da nossa série, o Maximinense, que poderá ser um bom teste para aquilatar das nossas possibilidades.

INICIADOS

Os nossos miúdos continuam a suar as camisolas, e com todas as suas (ainda poucas) forças, tem lutado estoicamente contra adversários que, oriundos de equipas nacionais de primeira grandeza, não lhes dão facilidades. O nosso guarda-redes incansável como ou outros, continua a ir buscar a bola muitas vezes ao fundo das redes.

No entanto prometem que quando forem maiores as coisas serão diferentes, porque habilidades e força de vontade não faltam!

É notícia...

O Dr. José Albino assumiu interinamente

a orientação da equipa principal do Gil Vicente.

E, em boa hora o fez, pois conta por vitórias os jogos disputados sob os seus comandos.

Tem um certo carisma, e a continuar assim corre o risco de não ter substituto tão cedo...

DE FRANÇA

Do nosso prezado assinante Júlio Maciel de Oliveira, de Bischheim, França, recebemos uma carta para rectificação do nome da terra onde habita. Em determinado passo diz: «Já agora aproveito para lhes dizer que fico contente sempre que recebo o meu jornal; já cá estou há 20 anos em França e embora me encontre aí todos os anos em Agosto, é pouco tempo, e vamo-nos esquecendo da terra. Assim com a ajuda do jornal, com as novidades e histórias que ele traz, a nossa memória fica mais alumiada e nós estamos sempre ao corrente do que se passa em Fão.»

Grato ao contrarêneo pela sua carta e o seu recado não fica esquecido.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Na sala da Biblioteca Municipal de Espo-sende inaugurou-se, pelas 21 horas do dia 7 deste mês, uma exposição de Pintura de Jomy.

A referida Exposição estará patente ao público até ao dia 18 de Dezembro.

CANOAGEM

BELMIRO PENETRA EM ESTÁGIO

O Clube Náutico de Fão iniciou já a sua época desportiva, participando no 1.º Contro-le Nacional realizado em Melres, Gondomar.

Em cadetes os 2 primeiros lugares pertenceram a Belmiro Penetra e Pedro Abreu respectivamente e em Canoa (C1) Carlos Silva ficou também em 1.º lugar.

Em seniores e em C1 os 2 primeiros lugares pertenceram a Emílio Araújo e Carlos Vieira enquanto que Lázaro Penetra em K1 mostrou que está entre os melhores nacionais.

Lúcia Lagoela, Célia Novo e Joana Seara constituíram uma boa representação feminina.

Alberto Lagoela e João Anunciação ressentiram o ingresso num novo escalão etário, mas revelaram as suas grandes qualidades.

O técnico nacional integrou Belmiro Penetra no lote de juniores que entraram de imediato em Estágio, tendo em conta o Campeonato do Mundo em 1989 que se realiza no Canadá e em que Portugal vai fazer representar-se.

Bom seria que o nosso jovem atleta, que ainda não é junior, mas que já esteve no Europeu como tal, vestisse mais uma vez a camisola das quinas.

ASSEMBLEIA GERAL DO HOSPITAL

No sábado, 26 de Novembro, realizou-se a Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia.

A Mesa Administrativa quase que foi reconduzida na sua totalidade. A saída de Manuel Soares, esboçada há anos, e que nós pre-anunciámos em devida altura, consumou-se. O porquê, desconhecemos.

O orçamento para 1989 é de 150 mil contos.

O Estado não comparticipa com um tostão no orçamento de manutenção hospitalar (diga-se manutenção do imóvel) e ampliação.

A vasta coleção etimológica Editora acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra singular para o nosso país, feita em moedas somente utilizadas em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como da especialidade. Em atenção não só ao aspecto etimológico, como também dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de equívocos e locuções estrangeiras.

Dicionários EDITORA

O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua de Restauração, 365/4099 PORTO CODEX.
 LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX.
 EMP. L. RUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA.

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
 Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:
 Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
 4750 MATOSINHOS

PONTOS DE VISTA

Pelo QUIM DE FÃO

— «Não façam, do cemitério, clube nem jardim de flores». Mais ou menos assim, se referiu há trinta e tal anos o nosso Prior Nogueira. Se ele cá voltasse...

Não me refiro à dor dos que visitam os cemitérios com regularidade, colocando sobre os túmulos uma flor de saudade, uma lágrima de sofrimento.

Refiro-me àqueles que já esqueceram os seus mortos e ao abandono gélido a que votaram jazigos e túmulos.

Quem construiu um jazigo ou pagou a perpetuidade de uma sepultura, quem legou teres e haveres, quem deixou ouro e libras, certamente, não pensou que a geração imediata o esqueceria.

Quantos estão, assim, nestas esquecidas circunstâncias, no nosso cemitério?

Comprem, em vida, os bons-tratos para após a morte, que estão lixados.

Enquanto o dinheiro do «finado» durar, ainda será, com vergonha dos vizinhos, recordado, mas depois... Finis.

É a vida. «Cuidar dos vivos e enterrar os mortos...». Esta assenta-lhe... direitinha, não assenta? e não é alentejano!

★

— Eleições na Santa Casa. Tudo bem. Alguma ironia. Convocados. Desconvocados. Em cima do minuto. Que bronca, Presidente! Até parecia a Santa Inquisição, de má memória! Olhe que isso de ir ou não ir o Pendão, do badalo ou badalo, é grave, para os velhinhos!

— Que tenham mudado os estatutos. Tenho a certidão. Mas que tenho mudado o significado de Remir ou Redimir, essa não me entra.

— Imagine, Presidente, que amanhã se dá o dito por não dito àquilo que hoje se põe em actas!

Imagine que determinado pensionista paga de uma só vez a quota, o custo, chame-lhe o que quiser, pela pensão vitalícia. Compra, sem escritura, o direito ao come-e-dorme. Só com a acta, tal como o fizeram centenas de irmãos, que compraram (REMINDO) o direito ao Pendão e Badalo do sino, na hora da morte.

— Imagine que daqui por uns anos, vocês já lá não estão e vem uma Mesa e diz. «O que os outros fizeram ou escreveram não interessa». Rua.

Você não paga «todos os meses», logo não come, não dorme. Rual

— Metaforicamente é assim que as coisas acontecem e podem vir a acontecer. Previne-te, amigo. Faz escritura pública quanto antes.

— Não sejam mauzinhos. Reponham a legalidade e obriguem, e, muito bem, os novos irmãos a pagarem mensalmente. Os velhos, deixem-nos morrer em paz.

— Esclareço que não é por mim. Já levarei «Pendões» que cheguem. Mais um menos um, não me atrasa nem me adianta para entrar no Céu.

— Resta-me a consolação de ter servido sem me servir. Isto não é para vós, esclareça-se, por causa dos mal-entendidos.

— Mas, lá que a porta-do-cavalo funcionou, lá isso, funcionou. «Ora chupa-que-s'apaga». Para a próxima, meu caro, não des o dito por não dito. Cala-te boca! Não vieste embora. Mandaram-te. E agora?

— No meu ponto de vista, ela não se abriu tanto quanto era necessário. Não a feches, Provedor, vais ter de a manter aberta, se quiseres governar e levar ao porto de salvação a tua barca.

— Olha que Lucifer espreita a barca.

— Mas, ainda a propósito, dos Convocados/Desconvocados. Será que todos os concorrentes e Mesários tinham as tais «cotas» em dia? Ou puseram nos... a correr... para não serem corridos? É que o meu presidente estava nervoso no acto de anunciar a «punição».

— Esclareço que eu fui um dos punidos. Não pago nem pagarei até que me provem que Remido não quer dizer de «uma vez, para toda a vida».

— Mesmo que lhe dêem «a volta» ao Direito Canónico ou Civil, eu não torço. Antes não quero o perdão e o badalo.

— Seria mais simpático enviar todos os anos, uma circular-convite, tipo corteja de oferendas, pedindo um donativo para auxiliar as Obras de Misericórdia, tal como faz o I.N.A.T. ou o I.O.P. (Tuberculosos e Cancerosos) e outros.

— Assim, já aceitava. Era uma espécie de cota «voluntária» e não «inquisitorial».

— Nem tudo, naquela tarde, naquele lugar, foi mau. Um orçamento de altos custos, de equilíbrio, de boa administração. Só que a Casa chegou tão alto que vai ser difícil encontrar quem aceite ser «cabeça», Capitão do lema, de borla. Remadores não faltarão; é fácil, se o sota-patrão for eficiente.

— Ou um técnico-administrador passa a gerir, responsabilmente, a Santa Casa ou este Provedor não vem tão cedo embora, mesmo que o queira.

— Quando falo em técnico-administrador, não me refiro a um paraquedista, mas a um profissional «encartado».

— Por que não dar ao gato o que se vai dando ao rato?

— Afinal, os nossos velhinhos estão nédios e lustrosos. Espelho da casa. Ainda bem.

Na verdade, precisam de um autocarro para dar umas voltinhas. Vamos à campanha! Eu ajudo não só nos Pontos de Vista mas também na lista dos cifrões.

— Parece que não, mas esta folhinha é incolor, sem ser vermelha como já lhe chamaram.

Pudera! Só o Avellino não tinha inimigos, que eu saiba. A não ser as cobras. Agora viraram v-boras... anónimas.

— Quando um artigo não é assinado... é da responsabilidade do Director. Quando é do Quim... é do Quim. Sem patente registada.

— Deixem-me brincar é campanha eleitoral de «Jornaleiro». Já mo chamaram. Talvez tenham confundido com jornalista. Nem uma coisa nem outra.

— Mas também não sou Maria dos Comícios em fim de missa. Comício aqui, comício acolá. como quem cai em Fão ao fim de semana e é rapaz de resolver os problemas da terra.

— Afinal quem são os estrangeiros? Só os que cá não nasceram ou os que cá não residem e se candidatam a autarcas?

— Tesoura... no bairro dos Acunhados.

— O bairro novo já tem nome. afinal aquele que nós propusemos não foi escolhido.

— Com todo o respeito que o «escolhido» me mereceu, acho que não lhe devem lá colocar a pla-

ca toponímica com o seu nome, enquanto o bairro não for «social».

— É que para os «dobres e necessitados» foi só conversa. Ou têm cerca de quatro mil notas de conto ou vai às malvas.

— E quem tem quatro mil contos, também poderia ter comprado o terreno. Este foi de borla.

— Aqueles que não têm os quatro mil contos, dentro de cinco a dez anos, e que peçam o empréstimo, vão ver para onde vai a casa.

— Já se diz que não falta quem empreste o dinheiro aos «necessitados» desde que a casa lhes seja hipotecada. Claro, está-se mesmo a ver...

— Há quem afirme que o bairro se vai chamar «foge camarada que aí vem penicada».

— É que as casas têm retrete mas não têm fossas. Então onde se guarda a «mensagem palpável da tripa»?

— Ou será que as casas só vão ser habitadas quando a rede pública de saneamento estiver a funcionar?

Não houve tantos contestatários quantos se candidataram a casa. Os não beneficiados foram «calados» com promeças eleiçoeiras de novo bairro.

— Quer isto dizer que os actuais autarcas ainda lá estarão daqui a uma década. Talvez... talvez! Quem sabe! Uma desgraça nunca vem só.

— Que sejam estes ou outros, o que é preciso é que a autarquia funcione.

— Já temos uma «Junta» na sombra.

— Vai-se candidatar às próximas autárquicas. São jovens, dinâmicos e eficientes. Onde têm cooperado... a obra vê-se.

— Estão dispostos a lutar, uma vez mais, pelo desenvolvimento da vila nova e acabar com o marasma em que cáimos.

Querem saber quem são? Para a próxima eu desvendo uma pontinha do véu.

PARABOLICOFOBIA

A Câmara Municipal de Guimarães tentou uma acção declarativa contra os CTT por causa das antenas parabólicas. Em sentença de 10 de Novembro, o Tribunal Judicial de Guimarães deu razão à câmara, declarando os CTT sem legitimidade que «impeçam o funcionamento das antenas parabólicas instaladas no Monte da Penba».

Afinal como é?
O que é feito das peças levadas dos Bombeiros pela Judiciária?

Quando cessará a parabolicofobia que tem acometido o Governo?

Amigo, Feliz Natal

Se fosse possível levarmos para casa a criança triste o homem hostil o cão sem abrigo o pardal sem asa Se fosse possível ser bom e profundo amar toda a gente tentarmos ser justos respeitar a Terra desarmar o mundo Se fosse possível esquecermos o mal calçar o rancôr e pensar apenas que a vida é o caminho para o prémio final seria possível que eu não te encontrasse só pelo NATAL de braços abertos faria uma cruz e quando os fechasse estaria contigo num lindo poema no amor de JESUS

ODETE PYROTO



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.
É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o

HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Cem quartos. Bar. Restaurantes com especialidades minhotas. Terraços. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

O OURO

Visto por JORGE SANTOS

OURO palavra mágica do latim «AURUM», que por isso mesmo tem o símbolo químico «AU», é o mais precioso de todos os metais.

Símbolo também de riqueza, de luz, de beleza e de eternidade, o OURO fascina os homens desde os tempos mais remotos.

Nunca perde o seu brilho, nem é atacado por ácidos; só se dissolve em água-régia — mistura de ácido nítrico e ácido clorídrico.

É amarelo, brilhante, macio, muito denso, extremamente dúctil e maleável, excedendo nestas propriedades todos os restantes metais. É excelente condutor de calor e electricidade, só antecedido pela prata e pelo cobre, possuindo um elevado grau de inércia reaccional.

Este precioso metal encontra-se disperso em muitas regiões do globo, em veios, depósitos aluviais e lamias, tendo actualmente como principais produtores, a África do Sul, a Rússia, Canadá, Estados Unidos, etc.

Nas águas dos mares encontramos também ouro, numa proporção muito reduzida, normalmente de 1 a 10 miligramas por cada metro cúbico. De uma maneira geral o ouro é encontrado em pepitas, sendo a maior que até hoje apareceu a HILL END, que pesava 350 quilos.

O OURO É RARO

A sua raridade constitui uma das razões que o tornam tão precioso. Apesar de ter sido descoberto há milhares de anos, a quantidade de Ouro que o homem conseguiu obter é reduzida se a compararmos com outros metais.

Se conseguíssemos juntar num bloco todo o ouro que extrafu em 5.000 anos, obteríamos apenas um cubo de 17 metros de lado. Mas isto não deve surpreender-nos, se pensarmos que para se obter 10 gramas de ouro é preciso extrair uma tonelada de rocha aurífera, a uma profundidade de 3.000 metros. Essa rocha depois de triturada e crivada, é tratada quimicamente.

O ouro é raro, mas encontrámo-lo em muitos lugares da terra. Serviu como meio de pagamento, a partir do século VI a.C.

O OURO É BELO

Foi sem dúvida a sua beleza o que primeiro atrafu o homem, que começou há milhares de anos a guardar as pepitas de ouro que encontrava.

O ouro distingue-se pelo seu brilho permanente; os seus reflexos amarelos e cálicos são o contributo da sua beleza.

O seu poder e fascinação devem-se às suas extraordinárias qualidades, reconhe-

cidas desde a origem da História do Homem, como um conjunto único de conceitos.

O OURO É MALEÁVEL

A estrutura do ouro é ao mesmo tempo tão fina e tão densa, que uma onça (31,1 gramas) pode converter-se numa lamina que cubra 10 metros quadrados.

Se estimarmos essa mesma quantidade de ouro, poderemos obter um fio com 105 quilómetros de comprimento.

O OURO É UM SÍMBOLO

Há 5000 anos que o ouro se emprega na realização de obras de arte, simbolizando a suprema glorificação.

Sempre foi e ainda é, o metal nobre utilizado em objectos religiosos. Os alquimistas associaram-no à imortalidade.

Ainda hoje o ouro continua a ser o símbolo de amor, de pureza e de eternidade.

O OURO NA ERA ESPACIAL

Tanto na terra como no espaço, as propriedades do ouro tornaram-no indispensável.

Os delicados sistemas electrónicos dos foguetões, que levaram os homens à Lua pela primeira vez, estavam protegidos por uma fina camada de ouro.

Nos modernos aviões a jacto, o pára-brisas está coberto por uma camada de ouro, de cinco milésimas de milímetro de espessura, para evitar a formação de escarcha e vapor.

Elimina também os reflexos e protege os pilotos da radiação solar, que pode ser perigosa a alturas muito elevadas.

O ouro permite melhorar o nível de segurança dos cabos de telecomunicações, alguns deles permanentemente no fundo dos mares.

Seja qual for a tendência das novas técnicas, o ouro será sempre insubstituível.

AS LIGAS DE OURO

O grau de pureza de uma liga de ouro expressa-se em quilates.

A palavra «quilate» tem a sua origem na italiana «carat». Na árabe «girat» ou na grega «keration», que significam «o fruto da alfarrobeira». Esta árvore tem umas vantagens em forma de chifre, que contém sementes. Essas, foram outrora, uti-

lizadas para nivelar as balanças nos bazares orientais.

O número de quilates indica a pureza relativa de uma liga.

O ouro puro é de 24 quilates, ou seja, equivale a 1000 milésimas. Isto quer dizer que uma jóia de 19,2 quilates (800 milésimas) — toque de lei em Portugal — é feita de uma liga que contém 19,2 partes de ouro, por cada 24. O restante será constituído por outro metal, normalmente cobre ou prata; isto serve para elevar a dureza do ouro, pois em estado puro é demasiado maleável.

O QUE É O OURO PARA CADA UM

O JOALHEIRO vê nele o metal mais valioso em brilho, nobreza e beleza, inspirando por isso a sua criatividade.

O ASTRONAUTA descobriu nele qualidades especiais. O ouro protege-o das temperaturas extremas do espaço.

O ECONOMISTA reconhece-lhe valor internacional, invariável ante a instabilidade das moedas.

O ARQUEÓLOGO vê no ouro um testemunho da História. As civilizações antigas deixaram-nos objectos de ouro, alguns dos quais em tumbas egípcias e nos templos mesopotâmicos.

O ENGENHEIRO electrónico aproveita a grande segurança que o ouro lhe dá.

A CRIANÇA, ao falar no ouro pensa em histórias de aventuras, em tesouros e cofres cheios de moedas de ouro.

A MULHER vê no ouro o símbolo do amor. Com ele adorna o seu pulso, o seu colo, as suas orelhas, pois sabe que o ouro acentua a sua beleza como nenhum outro metal o pode fazer.

UMA COR ESPECIAL DO OURO

Ultimamente tem sido bastante discutido entre profissionais, o facto de um italiano natural de Verona, o senhor Vittorio Antoniazzi, estar a fabricar algumas jóias em OURO AZUL, de 22 quilates e, como é óbvio, devidamente contrastado.

O senhor Antoniazzi, que actualmente tem 82 anos, trabalhando na fabricação de jóias há mais de 40, possui alguns estabelecimentos de joalheria e guarda preciosamente o segredo da liga do ouro que lhe permite essa cor.

Já antes de Vittorio Antoniazzi, um outro joalheiro, o sr. Steven Kretchmer havia apresentado algumas jóias cujo aspecto exterior era também de ouro azul, mas esse efeito obtido por oxidação.

FOLHA AGRÍCOLA

por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DA ALFACE

1) INTRODUÇÃO

— Vamos dar indicações a seguir, sobre esta cultura em estufa; dado que cada vez mais se faz sentir, a necessidade de a fazer sob coberto, para se conseguirem produções mais elevadas e uniformes e, além disso, ser possível fazê-la nos meses mais frios, com grande rentabilidade económica.

2) BOTÂNICA E FISIOLÓGIA

A alface pertence à família das compostas e foi-lhe dado o nome botânico de «*Lactuca Sativa*». É uma planta anual.

A raiz é apumada e curta. As folhas são dispostas em roseta, estando separadas umas das outras, pelo menos nas primeiras fases de desenvolvimento.

A haste floral, que se forma quando a alface está madura, pode dar origem a ramificações.

As flores são autogâmicas

Quando é cultivada em estufa no Inverno, necessita de +60 dias para, depois de transplantada, estar em boas condições para ser colhida.

3) SOLOS

A alface prefere terrenos ligeiros, arenolimosos e com boa drenagem interna.

Prefere solos neutros de pH 6,7 a 7,4.

Esta planta pode sofrer desequilíbrios vegetativos provocados pela excessiva concentração de sais, devido a aplicações excessivas de adubos.

4) CLIMA

Esta planta é mais susceptível às temperaturas elevadas do que às relativamente baixas.

A temperatura considerada máxima é de 30° c e a mínima de 6° c. No entanto a alface pode em certas circunstâncias resistir a temperaturas inferiores a 0° c.

A humidade relativa é um factor importante para o bom desenvolvimento das plantas e a mais adequada oscila entre 60 a 80%

A humidade ambiente elevada dentro das estufas dá origem a doenças diversas.

5) PREPARAÇÃO DO TERRENO

O terreno para a plantação deve ser con-

venientemente preparado, isto é, deve ser esmiuçado e destroçado de modo a permitir um bom desenvolvimento das plantas.

A planta deve ser feita à rasa, ou em caneteiros. Esta é a mais aconselhada, sobretudo, quando houver a recear os excessos de humidade, que podem provocar as podridões do colo.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
Sementes Horticolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar 28681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges 2812199..... BARCELOS

Quando se pretender fazer a cobertura do terreno com plástico preto, convém fazê-lo antes da plantação.

6) VARIEDADES

As variedades das alfaces podem classificar-se em dois grupos:

- Romanas
- Repolhudas

As alfaces repolhudas podem agrupar-se em:

- BATAVIAS (de folha consistente)
- ESPESSAS (com folhas de consistência macia).

As variedades romanas não formam cabeça, ou quando muito, dão cabeças pequenas.

Na escolha das variedades para estufa deve-se ter em conta:

- Tendência para a floração
- Resistência a doenças
- Ter ou não ter antocianina
- Resistência ao emurchimento das margens

— Precocidade
— Resistência ao frio
— Aptidão para a formação de «cabeça», quando os dias são curtos.

As melhores variedades romanas para a estufa são:

— Ballon, Grande de Inverno e Vermelha de Inverno

As melhores variedades de Batavias são: Couve Nápoles, Ondine, Beaujolaise e Çoura de Paris.

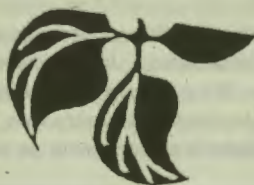
As melhores variedades espessas são:

- Sucrine, Madrilena e Trocadero

7) ESTRUMACÕES

É sempre bom, sobretudo nos terrenos carenciados em matéria orgânica, a utiliza-

(Continua na pág. 10)



**BATATA SEMENTE
DE ALTA QUALIDADE!
PRODUZIDA NA HOLANDA!**

COOPERATIVA OBTENTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
CARACTERÍSTICAS PARÁ PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS EM PORTUGAL

- (- VERMELHAS: Asterix, Bartina, Cleopatra
- (- AMARELAS: Berber, Concurrent, Frisia, Mansour, Obelix, Ukama, Van Gogh



DE ZPC: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. — PORTUGAL, LDA.
Apartado, 259
Telefax (034)311912
3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)



MULTIPLANTA

Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.

VIVEIRISTA
PÉPINIÉRISTE

MORANGUEIROS

ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS
MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DOUGLAS®
E CHANDLER®

(LICENÇA ZANZI-ITÁLIA)

ACTINIDIAS (KIWIS)

OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE
NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES

TELEF. 42197

3060 CANTANHEDE

ção de estrumes bem curtidos e incorporados no terreno, com alguma antecedência em relação à cultura. A quantidade média por metro quadrado deverá ser de 3 a 4 kgs.

8) ADUBAÇÃO QUÍMICA

Deve ser feita em função da análise do solo. Não se deve esquecer que quando a cultura é feita em estufa as plantas são muito sensíveis aos sais existentes no terreno.

A adubação de fundo do tipo médio pode considerar-se:

a) Superfície de cálcio — 40 a 60 gramas/m².

b) Sulfato de potássio — 30 a 40 gramas/m².

Como adubação de cobertura deve aplicar-se nitrato de potássio à razão de 10 a 20 gramas/metro quadrado.

Não esquecer as adubações foliares com o complexal fluid 1+-4-6 com intervalos de 8 a 15 dias e com uma dosagem em 100 litros de água de 0,5 litros do citado adubo.

9) PLANTAÇÕES

Na cultura em estufa não é aconselhável fazer a sementeira directamente no local definitivo. Para a plantação podem usar-se plantas de raiz nua ou com torrão. As plantinhas podem ser transplantadas do viveiro para o local definitivo quando tiverem cerca de 8 centímetros de altura, ou seja, quando tiverem 5 a 6 folhas verdadeiras.

Na plantação à rasa o compasso deve ser de 30x30 centímetros, ou sejam 9 plantas/metro quadrado.

Na plantação em canteiros as alfaces devem ficar espaçadas cerca de 25 centímetros umas das outras ou sejam 8 plantas por metro quadrado.

10) AMANHOS CULTURAIS

As Sachas têm uma acção benéfica e se as condições assim o exigirem deverão ser efectuadas.

As ervas daninhas desde que não tenham sido controladas pelos herbicidas têm de ser eliminadas à mão.

11) MONDA QUÍMICA

O melhor meio de eliminar as ervas daninhas na cultura da alface é com a utilização de herbicidas. Para aplicação em pós-emergência, ou melhor 8 a 15 dias após a transplantação, isto é, depois das plantinhas estarem pegadas, deverão usar 2,5 Kgs de KERB 50 W em 600/800 litros de água por hectare.

12) BRANQUEAMENTO

É conveniente fazer o branqueamento nas variedades de alface, que não formam «Cabeça», como acontece com as «Romanas». Para isso, faz-se a atadura usando a ráfia ou outro fio qualquer.

Esta operação deve ser feita com uma antecedência de 5 a 7 dias em relação à data prevista para a colheita.

O outro processo utilizado para o «Branqueamento» é a aplicação de «CO 2» (anidrido de carbónico). Quando se aplica este gás podem alcançar-se concentrações de 0,1 a 0,3, % na atmosfera do interior das estufas.

O tratamento deve ser iniciado a partir de começo da fase de crescimento rápido.

13) REGAS

A alface resente-se muito com a falta de água no terreno.

TECNICANTO

- ESTUFAS E EQUIPAMENTOS
- SISTEMAS DE REGA E AQUECIMENTO
- SEMENTES E AGRO QUÍMICOS
- ALPORQUES, BOLBOS E ESTACAS
- MOTORES E ALFAIAS AGRÍCOLAS
- PLÁSTICOS E PERSINTAS
- TELAS E FIOS
- MÁQUINAS PARA FLORES E OUTROS

DIRECÇÃO TÉCNICA:

ANTÓNIO MANUEL DA ROCHA LEBRE
eng^o téc^o agr^o

MORADA:

TELEFONE:

Rua do Sul (034) 32 12 91
Gafanha de Aquém
3830 ILHAVO

As regas devem ser feitas durante as primeiras horas da manhã, ou ao fim da tarde.

estrela
adubo
FABRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO

Composição:		Porção recomendada
Nitrogénio (N)	25	0 30
Matéria orgânica (%)	50	0 30
Ácido fólico (F)	2,4	0 5
Fósforo P ₂ O ₅ (%)	2	0 5
Potássio K ₂ O (%)	1,5	0 3
Calcio - Ca (%)	30	0 50
pH	6 a 7	
C ^o 12 x 25		

Porção recomendada - 2,5 kg/m² por planta

ESTAMOS DESENVOLVENDO
A MINHOCULTURA

CONSULTE-NOS

Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telef. 53385 Adubos P
Tel. (032) 91282 - 91283
Apart. 48 Viriato 3500 VISEU

50kg
KILOS

As regas efectuadas nas horas de maior calor dão origem a desequilíbrios que pode provocar o amarelecimento das folhas e até a paragem do crescimento das plantas.

A regra por aspersão tem interesse na cultura da alface pois mantém um equilíbrio do grau hidrométrico no interior das estufas.

No entanto tem alguns inconvenientes como sejam:

— Provocar o apodrecimento no interior das «cabeças» (repolhos).

— Sujidade das folhas, ocasionada pelos salpicos de terra.

Quando a cultura é feita no período compreendido entre Novembro e Janeiro/Fevereiro, convém fazer 3 ou 4 regas. A primeira, logo a seguir à plantação. As restantes, durante o ciclo vegetativo, conforme se ache oportunos.

14) COLHEITA

A colheita deve ser efectuada à tardinha, pois deste modo a alface mantém por mais tempo o seu bom aspecto.

As raízes devem ser separadas com um corte raso ao nível da inspecção das últimas folhas.

As alfaces, à medida que vão sendo colhidas e separadas da raiz, devem ser acondicionadas nas caixas onde irão para o mercado.

Deve haver todo o cuidado para que não fiquem sujas com terra.

A produção média em cada metro quadrado (m²) é de 7 a 8 alfaces, o que corresponde a cerca de 4 - 5 Kgs.

(Continua no próximo número)

ROTÁRIOS HOMENAGEIAM O DR. AGOSTINHO REIS

Foi no dia 25 de Novembro. Os rotários de Esposende, com o apoio dos antigos alunos do Colégio Infente de Sagres prestaram condigna homenagem ao dr. Agostinho Reis pela sua recente aposentação.

Presentes na sala de jantar do Hotel Nélia uma centena de pessoas, entre as quais alguns ex-alunos vindos de terras longínquas. De Lisboa encontrava-se também o Eng.º Oliveira Martins que assim correspondeu ao convite feito pelos «antigos».

Usaram da palavra as entidades presentes, nomeadamente a Presidente da Câmara, Monsenhor Baptista de Sousa e ainda o dr. Agostinho Teixeira, Presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Esposende. Igualmente os antigos alunos, Artur Costa e Dr. José Alberto — traçaram o retrato do homenageado. O dr. Agostinho Reis era um professor dedicado, multifacetado e sobretudo amigo dos seus discípulos. A presença naquela sala de 47 velhos alunos era o sinal inequívoco a grande amizade que liga o mestre aos antigos escolares.

Os rotários ofertaram ao dr. Agostinho Reis uma medalha onde vinha inscrito: **Honra ao mérito.**

Por sua vez os «Antigos» ofertaram uma salva de prata com os dizeres: **Homenagem ao dr. Agostinho Reis dos Antigos Alunos do Colégio Infante Sagres.**

Foi realçada a acção do antigo Director do Colégio Infante Sagres aos estudantes pobres do concelho. Anualmente eram sempre entre os 20 e os 30 os alunos que estudavam sem pagar quaisquer propina o que possibilitou a abertura do ensino secundário a muitos escolares de Esposende e seu termo.

Após a intervenção da Presidente da Câmara e do Ministro das Obras Públicas, ficou a pairar na sala a ideia de que aquela homenagem era insuficiente para a pessoa do dr. Agostinho Reis.

Deve, porém, notar-se que se tratou de uma iniciativa rotária e como festa dos ro-

tários foi das maiores que se fizeram no clube local. Houve gente e até alunos do ensino oficial que entenderam ser a festa de ciclo restrito e por isso não apareceram.

De qualquer modo, considerada por uns uma grande reunião e por outros como insuficiente, houve muito calor humano naquele restaurante do Hotel Nélia, houve muita sinceridade nas palavras proferidas e a certeza outorgada ao dr. Reis de que valeu a pena toda a vida dedicada ao ensino.

Visivelmente emocionado, o dr. Reis agradeceu a presença de tanta gente amiga e, estribando-a em vários pensadores declarou *urbi et orbi* que através do ensino se realizou e que o mesmo ensino foi fonte permanente de alegria.

AUMENTE O SEU COLESTEROL

Neste mês em que abundam os petiscos e lambarices de Natal, quase nem era preciso tentar o Colesterol! Ele já tem razões de sobra para subir... Mas ainda assim, aqui vão mais duas ajudazitas à subidinha habitual:

COELHO BRAVO À CAÇADORA

Esfola-se o coelho, limpa-se das vísceras e parte-se em bocados, que se lavam numa caçarola, juntamente com cebola picada, salsa também picada, bastante toucinho, cortado às tiras, dois dentes de alho, pisados, uma pitada de pimenta, 4 decilitros de vinho branco, um pouquinho de vinagre, a ponta de uma folha de loureiro, meio decilitro de caldo e sal q.b.

Tapa-se a caçarola e vai ao lume para ferver em lume brando, cerca de 3 horas.

Quando o coelho estiver cozido, põe-se o lume mais forte e destapa-se a caçarola, para evaporar um pouco do molho. Serve-se de imediato.

E agora, uma gulodice:

MIGAS DOCES

Açúcar — meio quilo.
Ovos — 6.
Miolo de pão — 100 gramas.
Canela em pó — q.b.

Leva-se o açúcar ao lume com 3 decilitros de água e, antes de tomar ponto, deita-se-lhe o miolo de pão, esfarelado. Mexe-se muito bem, até desfazer o pão, e deixa-se engrossar.

Tira-se então do lume e junta-se as gemas dos 6 ovos, levando de novo ao lume para engrossar e deixar cozer os ovos.

Deita-se depois numa travessa e polvilha-se com canela.

E pronto. Por este mês já está dada a contribuição do costume ao colesterolzinho... Um abraço com votos de BOAS FESTAS da

TIA MARIQUINHAS.

ENTRE NÓS

Tivemos o grato prazer de abraçar em Fão o nosso prezado amigo e assinante, fangueteiro de quatro costados, António Torres e sua dedicada esposa Ivone Courdé.

Foi uma visita relâmpago. É sempre uma alegria cumprimentar tão simpático casal.

Bem, para já ficámos a saber uma coisa: não foram só os ciclistas internacionais portugueses (et tous les compagnons de route) a subir o Tourmalet. É um pico famoso dos Pirinéus com 2.200 metros de altura e 16 quilómetros de comprimento. António Torres também o conseguiu. Foi no verão passado. Monsieur Torrez fez quatro descansos, tentou desistir outras tantas vezes, mas seu cunhado René Courdé tanto o insultou e «picou» que o nosso conterrâneo ganhou brio, suou um alguidar mas lá conseguiu vencer... o TOURMALET. Claro que tal feito é notícia, as notícias comunicam-se e o nosso jornal cumpriu o seu dever. Viva o rival de Acácio Silva!

Au revoir, chers amis.

★

Já foi para o Brasil o nosso caro assinante, fangueteiro por adopção, Manuel Lemos. Desta vez a sua visita foi mais discreta. Não houve o costumado almoço de despedida. Só uma vez nos encontramos.

Queremos que volte breve e que haja mais confraternização.

IMPETUS EM FESTA

A Impetus com sede em Apúlia que em termos de facturação se coloca entre as primeiras setecentas empresas mais de Portugal, comemorou sábado passado o quinquagésimo aniversário da sua fundação.

Para assinalar o evento, houve missa na Igreja Matriz, descerramento de uma lápide em Barqueiros e almoço de confraternização no Hotel Ofir. Estiveram presentes seiscentas pessoas e o artista Fernando Pereira deu um **show** memorável.

Já com o jornal paginado, torna-se-nos inviável dar um relato circunstanciado, o que faremos no próximo número.

OFERTA AOS BOMBEIROS DE FÃO

Através dos rotários de Esposende os Bombeiros Voluntários de Fão receberam do município de Grevenbroich um carro moto-bomba. Foi exactamente como aconteceu aos Bombeiros de Esposende.

Houve entrega das chaves e documentos na última rotária de Esposende, feita por 4 bombeiros da Alemanha que se deslocaram expressamente ao nosso país. Foi uma festa agradável que merece ser contada em pormenor no jornal do próximo mês.

DOENTES

Na Casa de Saúde da Boavista foi operada a nossa conterrânea Palmira de Faria Borda, decana das últimas bordadeiras de Fão.

A operação correu bem. Desejamos um pronto restabelecimento.



14.º CONGRESSO DA APAVT EM OFIR

De 9 a 11 de Novembro decorreu na nossa terra o 14.º Congresso da Associação das Agências de Viagens e Turismo de Portugal. Dito de outra maneira: o mundo ou o universo (como agora se usa) turístico fez rendez-vous em Fão durante cinco dias. E que tempo magnífico, senhores! Foram dias de sol esplendoroso, temperatura amena, noites cálidas, paisagens de sonho, arrebois de encantar.

Para já esta impressão, colvida por todos os visitantes, foi a grande vantagem da ocorrência do congresso entre nós. Agentes de viagem, operadores turísticos, hoteleiros de todo o país deram-se conta, experimentaram eles próprios essa vivência que no Norte não há só vento, não há só paisagem, não há só água gelada, não há só a fidalguia da gente minhota.

Já agora uma referência a quem de direito a merece. Deve-se à Presidente da Câmara, Prof.ª Laurentina Torres a iniciativa de ter apresentado, o ano passado em Marquex, uma proposta para que este ano o Congresso da APAVT se efectuasse em Ofir. Quem no-lo revelou foi o insuspeito Manuel Ferreira que também lá esteve.

Nós ficamos satisfeito com a ideia e logicamente com a informação pois estávamos convencido que lá no fundo, mas mesmo lá no fundo, a simpática Laurentina Torres (sem D. para os amigos) não esgota todo o perfil de presidente da Câmara de um concelho litoral com infra-estrutura e aptidão turística. Não é que não tenha gosto pelo turismo. Não é que não se desdobre em actividades turísticas. Mas falta-lhe qualquer coisa (autoridade? — teimosia? — convicção?) para se impôr aos hoteleiros cá da praça (leia-se concelho). E explicamos porquê. Os nossos hoteleiros, tanto quanto o entendemos, não agem como uma equipa, actuam descoordenadamente. É nossa convicção que se deveriam unir, promover acções conjuntas de propaganda e sobretudo preocupar-se a sério com uma calendarização de realizações que atraísse o turismo de inverno; que se juntassem (sempre em coordenação com a Câmara) e contratassem um animador para a ocupação e — antes — a atracção dos turistas estrangeiros. É fundamental preparar o Ofir (e quem diz Ofir diz, internacionalmente falando, todo o



A presidente da Câmara, Prof.ª Laurentina Torres, saudando os congressistas

litoral de Esposende) para a nova vaga de turismo do futuro. A natureza dotou esta região exuberantemente, mas essa exuberância não tem sido exaustivamente aproveitada. Ofir ainda está por explorar.

Os nossos hoteleiros têm que ser empurrados e a Câmara tem que ser o motor desse empurrão.

Bem, mas este congresso salvou-lhe a face. Lembra-nos, quando em 1972 se pensou realizar o 1.º Congresso da APAVT, ideia de José da Silva, se a memória não é traidora, e que acabou por se concretizar em Lourenço Marques, 1973 (por pressões políticas) o nosso amigo Rui Gomes (então no Hotel Ofir) quanto ele desejou que esse «grande acontecimento turístico» se realizasse entre nós.

O certo é que o sonho concretizou-se em 1988.

(Continua)

CENTENÁRIO DO P.e ALAIO

Como já em tempos o afirmámos neste jornal, o P.e Manuel Alaio deixou um rastro histórico não só em Fão mas sobretudo em Braga onde criou e dirigiu um famoso orfeão.

Os bracarense não esqueceram esta figura ímpar da musicografia nortenha e preparam-se para comemorar condignamente o seu centenário.

Concertos locais e outras iniciativas culturais vão animar a agenda das comemorações do primeiro centenário deste musicólogo ilustre.

No dia 7 de Dezembro data do seu nascimento, realizou-se por sua intenção uma missa na igreja Matriz.

No dia 17, às 16,30 realiza-se uma romagem ao jazigo do P.e Alaio pelos antigos orfeonistas. Nessa noite vai seguir-se um concerto coral em que participam o Coral da Matriz e o Orfeão de Braga.

CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

É mês de Natal. No ar já se sente a aproximação dessa noite em que se comemora o nascimento de Jesus.

Para muitos esta quadra representa as tradicionais reuniões de família, a troca de prendas e postais e a tão desejada hora da grande ceia, onde o bacalhau é o grande senhor!

Quantos não acreditam em Deus, mas aproveitam esta quadra para não trabalhar e para se regalarem com saborosos manjares.

São poucos os que meditam no que esta data representa.

A maioria, ao redor da mesa, lembra os ausentes, os que já partiram para sempre, renova os desejos de felicidade para os presentes, mas esquece o principal homenageado.

É o nascimento de Jesus que se comemora. É Ele a figura principal da festa.

O seu nascimento foi o acontecimento mais importante da história, desde o 1.º século da sua «era».

Nunca ninguém conseguiu vencer, como Jesus, o rolar dos anos e ser sempre uma figura actual.

Nem guerras, movimentos, perseguições, represões e martírios conseguiram abafar a sua obra, o seu nome e a sua passagem na terra.

A sua mensagem de paz e amor, tem contribuído para a felicidade de inúmeras pessoas.

Só a fraternidade e o amor, entre os homens, poderão acabar com as guerras e toda a corte de misérias que assolam o mundo.

Os homens podem fazer tratados de paz, assinar armistícios, mandar ordens de cessar fogo, etc., etc., mas nunca gozarão a paz desejada.

Só a doutrina de Jesus dará aos homens a felicidade completa.

Enquanto houver famílias que na noite de natal, não têm que comer, enquanto houver desgraçados, sozinhos, que não têm onde reclinar a cabeça, enquanto houver crianças que não recebem nem um balão no mundo não haverá paz.

Se o egoísmo continuar a encher o coração dos homens, e a indiferença se recusar a olhar para o semelhante mais necessitado, se o amor pregado por Jesus não abundar no coração de cada ser, o mundo caminhará para o caos, onde o crime, a miséria e a morte, serão uma constante.

E seria tão simples vivermos num mundo melhor! Bastará olhar para o exemplo de Jesus.

Relembrar as suas palavras maravilhosas: *Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei a vós!*

Lembra-te de alguém a quem tu poderás dar uma prova de amor. Alguém que precisa mais do que tu, alguém a quem pudesses dar uns momentos de felicidade!

Estamos próximos do Natal. Que esta quadra seja propícia à meditação.

Amar pessoas, repartir e ajudar, devia ser uma frase obrigatória em todos os lares, em todas as escolas e em cada coração.

Lembra-te do amor de Jesus que nasceu e morreu por ti.

Bom Natal para todos.

Nova ponte em Fão

Com base em 400.000 contos foi aberto concursos internacional para a construção de uma nova ponte sobre o Cávado.

A nova ponte situar-se-á imediatamente a montante do Caldeirão, na margem esquerda com ligação a Gandra. O prazo de construção é de 600 dias.

No dizer de João Freitas será um melhoramento muito importante para Fão. Fão e Ofir ficarão mais unidos. A estrada nacional deixará de ser uma separação.

AVENÇA



PORTE PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO